

O VILAREJO DE CANUDOS: UM MOVIMENTO DE RESISTÊNCIA NO SEMIÁRIDO BAIANO (1890-1900)¹

Zaqueu Abreu Reis²

RESUMO: Este artigo objetiva tratar da formação de Canudos no período de 1890-1900, as relações de poder e as práticas culturais de resistência dos sertanejos ao sistema coronelista. Na análise dos eventos ocorridos, na Bahia de fim dos oitocentos, demonstra-se que por mais que os líderes políticos do sertão baiano oprimissem a população local, essa não ficou esperando seus problemas serem resolvidos naturalmente, muito pelo contrário, resistiram e contestaram as desigualdades sociais, não por acaso a comunidade desabrochou na zona agropecuária dos grandes latifúndios interioranos. O âmbito sócio-político brasileiro sempre foi permeado por diversos contrastes, seja pela heterogeneidade de suas lideranças, seja pelos movimentos formados para os contestar, denunciando as desigualdades e injustiças impostas pelas elites dominantes. Assim, a pesquisa tenta manter viva na mente das pessoas um movimento essencial, o qual contribuiu para a preservação, a promoção e a difusão da história e da memória do semiárido local.

PALAVRAS-CHAVE: Canudos; sertanejos; resistência.

ABSTRACT - This article aims to deal with the formation of Canudos in the period 1890-1900, the power relations and cultural practices of resistance of the sertanejos to the colonist system. In the analysis of the events that took place in Bahia in the late 1800s, it is shown that as much as the political leaders of the bahian backwoods oppressed the local population, they did not wait for their problems to be solved naturally, on the contrary, they resisted and contested the inequalities. It is not by chance that the community flourished in the agricultural zone of large rural landowners. The Brazilian socio-political sphere has always been permeated by several contrasts, whether due to the heterogeneity of its leaders or the movements formed to contest them, denouncing the inequalities and injustices imposed by the dominant elites. Thus, the research tries to keep an essential movement alive in people's minds, which contributes to the preservation, promotion and dissemination of the history and memory of the semi-arid region.

KEY WORDS: Canudos. People from backwoods. Resistance.

¹ Este artigo apresenta parte da pesquisa que resultou na monografia intitulada *O fenômeno Canudos: A formação do Arraial e o Conflito de Interesses no Sertão (1890-1900)*, como requisito avaliativo da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso do Centro Universitário AGES (UniAGES), defendida em 04/03/2017.

² Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e graduado em História.

A FORMAÇÃO DO VILAJAREJO

Canudos, como ficou conhecido na historiografia, foi o povoado de Belo Monte e é um exemplo que representa como poucos a resistência das populações mais pobres do Brasil que, no decorrer de nossa construção histórica, sempre foi preterida diante da história dos grandes políticos letrados, que era tida como a verdadeira história a ser contada e exaltada para a posteridade. Em muitas épocas históricas, os padrões vigentes não correspondem às necessidades da maioria da população, assim, o movimento aqui abordado começou como uma insurreição e terminou em uma guerra civil nos anos iniciais do sistema republicano.

O governo provisório da República dos Estados Unidos do Brasil decreta: Art. 1º - [...] como a forma de governo da nação brasileira a República Federativa, e estabelece as normas pelas quais se devem reger os Estados Federais. O povo, exército e armada nacional, em perfeita comunhão de sentimentos com os nossos concidadãos residentes nas províncias, acabam de declarar a deposição da dynastia imperial e conseguintemente a exticção do systema monarchico representativo. Como resultado immediato d'esta resolução nacional de character essencialmente patriotico acaba de ser instituído um governo provisorio (A FEDERAÇÃO, 1889, p. 1).

Àquela altura, o país passava por uma enorme crise financeira. O novo sistema necessitava de vultosas quantias de capital para concretizar seus planos. Como solução, o governo começou a pegar empréstimos com juros altíssimos e a República só se fazia presente no sertão por meio da cobrança de impostos para sanar suas dívidas. As mudanças ocorridas, nas últimas décadas do século XIX, foram todas de caráter predominantemente metropolitano e litorâneo, só atingindo o semiárido interiorano de maneira indireta através de suas consequências (ATAÍDE, 1995, p. 63-81).

Em contrapartida o sertanejo, em sua maioria pobre e deserdado, não possuía bens imóveis e vivia sem o reconhecimento de seus direitos. Além disso, era considerado pelas elites como inferior, que prestava apenas para ser dominado e explorado. Em contra partida, os líderes locais atrelados ao poder político-econômico representavam a classe dominante “culto e capacitada” a dirigir a tudo e a todos, proprietária, não só das terras, como do próprio Estado (MELLO, 2007, p. 24).

Desta forma, o governo oprimia vaqueiros, peões e negros em todo o Nordeste, tanto com suas leis, quanto com a cobrança de impostos ou através do apadrinhamento dos coronéis. Desse modo, as pessoas costumavam seguir os passos de pregadores ou de

cangaceiros, esses últimos formavam grupos armados, que habitavam a caatinga, saíam sertão adentro, saqueando e matando, em sua maioria, movidos pela revolta. Por vezes, a violência constituía o único meio que conheciam para confrontar o despotismo das oligarquias da região. O cangaço foi um fenômeno de rebeldia místico-anárquico³, surgido do sistema latifundiário, agravado pelas secas e pouco compreendido.

SURGE O CONSELHEIRO

Em um paralelo alternativo, vinham os pregadores, que por sua vez davam esperança em Deus. Cícero Romão Batista, popularmente conhecido por Padre Cícero, era um desses pregadores, estes dois grupos de cangaceiros e de beatos recebiam enorme aceitação popular por toda a região. É desse segundo bloco que surge a figura do cearense Antônio Vicente Mendes Maciel.

Aos vinte e dois de maio de mil oitocentos e trinta baptizei e pus os Santos Oleos nesta matriz de Quixeramobim ao parvulo Antonio pardo nascido aos treze de março do mesmo ano supra, filho natural de Maria Joaquina: foram padrinhos, Gonçalo Nunes Leitão, e Maria Francisca de Paula. Do que, para constar, fiz este termo, em que me assinei. O Vigário, Domingos Álvaro Vieira (SILVA, 1997, p. 25).

Conselheiro, como ficou conhecido, pregava a palavra do evangelho e dizia que a República era coisa do demônio, pois separava a Igreja do Estado através do casamento civil, que considerava divino. Fazia duras críticas ao governo central, que autorizava os municípios a efetuarem cobranças de impostos no interior pobre e castigado pelo clima árido. De acordo com Maior (1978, p. 203), a recusa ao pagamento de impostos foi uma das suas posições mais definidas no início de sua liderança. Tratava-se, evidentemente, de um meio de atrair a simpatia dos deserdados da sorte, dos que nada tinham e que, mesmo assim, eram chamados ao pagamento dos tributos.

³ Místico no sentido que muitos dos líderes dos grupos de cangaceiros tinham uma relação muito grande com pontos de religiosidade, muitos carregavam imagens de santos, terços de orações e demonstravam-se devotos de santos católicos. Segundo Mello; Lampião, o cangaceiro mais famoso do Nordeste, carregava consigo diversas orações, imagens, amuletos que eram considerados para a sua proteção pessoal e de seu bando; assim, o cotidiano dos cangaceiros era cheio de tradições do dito catolicismo popular. Ademais, o cangaço era anárquico no sentido que contestava as hierarquias do patriarcado no interior do sertão nordestino, os cangaceiros se revoltavam contra a miséria e a pobreza da população; logo, estava diretamente ligado às questões da posse da terra e ao coronelismo. Para maiores informações sobre esse movimento tão fundamental indico a leitura de: Estrelas de couro: a estética do cangaço de Frederico Pernambucano de Mello; e Cangaceiros e Devotos: religiosidade no movimento do cangaço (Nordeste brasileiro, 1900-1940) dissertação de mestrado de Eraldo Ribeiro Tavares.

Por onde passava o beato empenhava-se com seus devotos a reconstruir capelas, açudes, cemitérios, igrejas, ou seja, obras comunitárias, que serviriam a todos, o que só fazia aumentar sua popularidade entre os menos abastados, angariando assim diversos seguidores. A capela de Nossa Senhora dos Anjos, em Itapicuru (1874-1876), o cemitério de Aporá (1875), a capela do Mucambo (1882), a igreja do Cumbe (1882), a igreja de Chorrochó (1884-1885), a igreja de Bom Jesus (localizada na freguesia de Itapicuru, onde atualmente é a cidade de Crisópolis, em 1892), foram construídos ou reformados mediante participação direta de Antônio Conselheiro. Ao percorrer esses e outros municípios, o andarilho estabelecia contatos com as populações locais criando uma rede particular de sociabilidade, que depois daria impulso à migração das pessoas para Canudos (SILVA, 1997, p. 62-72).

A VIDA NO VILAREJO

Assim, em pleno polígono das secas na Bahia, local árido e hostil, que sempre sofreu com os descasos das esferas superiores do poder político, surgia o movimento que na década de 1890 daria aparecimento à uma comunidade que contestaria as bases hierárquicas da sociedade baiana formado por uma população de múltiplas etnias, cores e hábitos de vidas, com o passar do tempo, o número de conselheiristas aumentou consideravelmente. Muitas pessoas procuravam Antônio Conselheiro, esse prestígio obviamente se dava porque na nova povoação as pessoas viam satisfeitas suas necessidades mais imediatas.

A própria localização do povoado buscava dirimir essas necessidades. Edificado às margens do rio Vaza-Barris, sua meta era bem específica: a de ser autossuficiente, uma vez que nada poderia construir sem recurso hidráulico, principalmente na região em que se encontrava, em plena caatinga, um dos ambientes mais secos do país, como os sertanejos da época viviam basicamente da agricultura, a água era imprescindível para o bom andamento das lavouras (MONIZ, 1978, p. 45).

Santos (2011, p. 62-64) faz uma breve descrição de como eram os domicílios, as matérias primas utilizadas na construção das moradias em Belo Monte eram a madeira e o barro. Geralmente, as casas possuíam uma única porta seus “telhados” eram de vegetação local e levantadas em regime de mutirão. Dentro das residências, pedaços de madeira substituíam os móveis, cabaças serviam de recipiente para a água; pratos, panelas e talheres eram fabricados com madeira, latas e barro. Além disso, afirma

Dantas (2007, p. 436-440), os frutos do trabalho eram divididos igualmente, amparavam-se os idosos e os doentes incapacitados de trabalharem, o que só fazia atrair mais as pessoas das localidades vizinhas calejadas com as mazelas da vida. Os residentes da comunidade estavam à margem da sociedade, por isso eles construíram uma vida autônoma da conjuntura política da região.

Obviamente a comunidade edificada às margens do Vaza-Barris não foi um centro de abundância, mas também estava longe de ser um núcleo permeado pela miséria. Aliás, a dieta conselheirista ainda é bastante comum no interior baiano e de outros Estados nordestinos contemporâneos, alimentos como: farinha de mandioca, aipim, cuscuz, rapadura, beiju, mingau, pirão de farinha, carne de boi e de bode formavam a base alimentar. Os moradores do vilarejo faziam em torno de três refeições diárias. Na verdade, a localidade de Belo Monte, assim como os demais povoados do semiárido, desenvolvia uma produção familiar em pequenas áreas férteis, ou seja, havia uma natural adaptação à forma de se viver em regiões inóspitas (ATAÍDE, 1995, p. 69-73).

Essa produção baseava-se na agricultura familiar de subsistência, o comércio se fundamentava no escambo, no artesanato, na criação de animais de corte, mas também existia à venda de um pequeno excedente com o intuito de que se pudesse adquirir tudo aquilo que não era produzido dentro da unidade familiar, isto é, a nova comunidade usufruía de autonomia. Consoante Dantas (2007, p. 351), ao venderem o excesso da produção em localidades circunvizinhas, os canudenses passavam pelas feiras-livres abrindo outro precedente da convivência com indivíduos de distintos arraiais e vilas forjando-se, assim, variadas relações necessárias não só à sobrevivência mais imediata, como também para necessidades futuras, uma vez que possibilitavam a ampliação dos círculos de relacionamentos.

Ademais, no novo povoado sertanejo, por um lado havia escolas, comércios e oficinas, por outro nem existia a arrecadação de impostos, nem corpo policial. Essa conjuntura fazia crescer de forma assombrosa a popularidade e o êxodo das pessoas para a região, acarretando na escassez de mão de obra para os diversos trabalhos, atingindo a propriedade privada em seu ponto mais rentável: a força de trabalho. À medida que o arraial crescia e se organizava, os olhares dos coronéis voltavam-se para Belo Monte, os quais viam na comunidade um mau exemplo a ser seguido, para os grandes fazendeiros, sua independência desestabilizava o sistema de mandonismo

coronelístico, estrutura poderosíssima, que se via totalmente ameaçada (DANTAS, 2007, p. 434-440).

Em Canudos, residiam pernambucanos, sergipanos, baianos, cearenses, brancos, negros, mulatos, indígenas, libertos, pequenos negociantes, dentre outros. Muitos dos conselheiristas eram compadres e/ou afilhados de Antônio Vicente Mendes Maciel, pois os laços de compadrio foram um dos esteios para o bom funcionamento daquela comunidade. Conselheiro passou por muitas regiões da Bahia, entre as quais estavam: Inhambupe, Tucano, Soure, Ribeira do Pau Grande (hoje Ribeira do Amparo), Bom Conselho (atual Cícero Dantas), Jeremoabo, Ribeira do Pombal, Conde, Monte Santo, Massacará, Chorrochó (SILVA, 1995, p. 55-61). Esse panorama ajuda a compreender um pouco a multiplicidade da população que migrou para o vilarejo.

ATINGINDO OS LATIFÚNDIOS

Um ponto, fundamental, a se destacar é que o povoado conselheirista estava inserido na zona de influência político-econômica de Cícero Dantas Martins. Nascido na fazenda do Caritá, em Jeremoabo, ficou mais conhecido por seu título, barão de Jeremoabo, que recebera em 1880 em virtude de ter fundado junto com seu sogro e seu cunhado a primeira usina canavieira baiana. Casou-se com Mariana da Costa Pinto, de tradicionalíssima família do Recôncavo, passando a ser senhor de gado e de cana na região. Contudo, foi em Jeremoabo onde nasceu, Bom Conselho (vilarejo onde atualmente está localizada a cidade de Cícero Dantas), onde veio a falecer e por cuja razão depois mudou o nome do município para Cícero Dantas e Itapicuru suas principais áreas de controle (MEDRADO, 2008, p. 24-25).

A família do barão iniciou a construção de seus domínios no século XVIII. Consolidou-se juntamente com o alvorecer do Império brasileiro, tornou-se uma das famílias mais importantes, se não a mais importante da Bahia, exercendo seu poder na província e em âmbito nacional (DANTAS apud: NEVES, 2011, p. 316). Acerca da região de Itapicuru, Dantas (2007, p. 325-357) observa que, nas últimas décadas do século XIX, ocorrera um aumento do controle das áreas mais férteis por parte dos grandes fazendeiros, o que tornava a vida da população pobre cada vez mais difícil. Dentre esses fazendeiros, um dos que mais investiu em compras de novas propriedades foi Cícero Dantas Martins, conforme a autora, foram investidos em novos terrenos ao

todo 23.748\$000 (vinte e três contos e setecentos e quarenta e oito mil réis). Vale ressaltar que a quantia aqui citada se refere somente ao tabelionato de Itapicuru.

Ainda à época do domínio dos Dantas, a terra ganhou maior importância e se valorizou consideravelmente, já que o controle da mesma significava conseqüentemente ter maior domínio sobre a população livre. Isso era conseqüência da abolição do tráfico, que encareceu o preço dos cativos, mas a mão de obra servil não desapareceu totalmente, apesar da sua diminuição, o que fez desenvolver uma relação entre livres e escravos nas atividades das fazendas (DANTAS, 2007, p. 121-139). A região dispunha de incrível diversidade social e econômica, tendo em seu território engenhos de açúcar, localizados estrategicamente ao longo dos rios; fazendas de gado; engenhocas de rapadura; casas de farinha e uma série de roças. O trabalho nas diversas propriedades era feito, até meados do século, por homens livres, libertos e também escravos (DANTAS, 2011, p. 317).

Era nessas grandes fazendas que a população baiana mais humilde procurava trabalho, geralmente como vaqueiros ou disponibilizando a força de trabalho em troca de se utilizar de uma pequena porção de terra para fazer suas roças destinadas à sobrevivência. Percebe-se, então, a dificuldade que os coronéis começaram a sofrer com a debandada em massa das pessoas para Belo Monte, agravando a escassez de mão de obra essencial ao funcionamento de suas fazendas. Pela observação desses aspectos, entende-se que o arraial cresceu em meio a um seio oligárquico poderosíssimo. Quando as prédicas de Conselheiro começaram a se espalhar sertão adentro personificando-se nas necessidades do pobre nordestino da época, as pessoas agruparam-se em torno do discurso do peregrino cearense, acreditando que ele poderia libertá-las da situação de extrema pobreza mudaram-se em massa para Belo Monte.

Para tentar sanar o problema, conforme mensagem apresentada a câmara legislativa da Bahia pelo governador Luiz Vianna, o Estado desenvolveu um programa imigratório, o qual trazia trabalhadores italianos, mas os europeus preferiam partir para os Estados do Sul, onde o clima era mais ameno do que o do Nordeste e se parecia mais com a atmosfera fria da Europa. O governo acreditava que os trabalhadores viriam com mais facilidade depois que o imigrante encontrasse dificuldade para gozar de uma subsistência fácil e o valor das terras não lhes deixassem margem para serem proprietários devido ao seu altíssimo custo.

Porquanto, os governantes começaram a conceder lotes de terras, porém essa cessão seria inalienável, ou seja, os terrenos não poderiam ser comercializados. Além

disso, a insuficiência de trabalhadores nos grandes latifúndios baianos era potencializada pelo êxodo de sertanejos, que fugiam das secas, das epidemias e da fome; esses migravam para outras regiões, tais como, o Sul e o Sudeste do país. As grandes fazendas absorviam a força de trabalho dos que ficavam, esses não tinham muitas alternativas a não ser trabalharem para seu sustento. Os políticos locais começaram a atacar o movimento, desqualificando-o, utilizando-se de todos os meios que dispunham para jogar a população contra Canudos.

Antonio Conselheiro, sr. presidente, começou sua propaganda, fazendo levantar cemitérios e construir capellas para fazer suas orações [...] a sua ocupação predilecta era rezar bemsditos e carregar pedras para as construções que elle projectara. Entretanto, depois do advento da República, começaram a se desenvolver no espirito de Antonio Conselheiro desejos differentes daquelles que se notavam até então. [...] A sua propaganda, no grupo que o acompanha, é contra a instituição republicana, instituição diz ele, de demônios, que é preciso extinguir (ANNAES DA CAMARA DOS DEPUTADOS DA BAHIA, 1894, p. 105).

Percebe-se, na fala pronunciada na Câmara de Deputados, que, no começo de sua peregrinação, Conselheiro era tolerado, porque construía cemitérios e estabelecimentos religiosos, os quais o governo não estava fornecendo. Todavia, isso somente ocorreu no período monárquico, quando o sistema mudou para o republicano, ele começou a atacá-lo dizendo que a República era demoníaca fora dos preceitos de Deus. Fica evidente a ideia de ligar a figura de Conselheiro a de um agente da desordem, que queria destruir as instituições políticas vigentes, esse discurso foi fundamental para a mobilização nacional contra a população de Belo Monte.

A população campesina abandonada e excluída dos quadros institucionais por sua vez aderiu aos líderes religiosos e aos grupos de cangaço. Canudos, como já citado, se ligava mais ao primeiro movimento, que era visto como anárquico e desestabilizador da ordem pública. A República, por sua vez, vigiava e punia ferozmente tais movimentos com todos os instrumentos coercitivos de que dispunha, ou seja, os sertanejos deveriam ser parados o quanto antes.

Por todos esses aspectos conclui-se que os conselheiristas formaram seu arraial com o intuito de resistirem aos descasos cometidos no semiárido nordestino, quebrando com a hipótese de que as populações iletradas, sem poder financeiro, não tinham como lutar por uma melhoria de vida. Por isso, é que, na comunidade aqui analisada, os frutos do trabalho eram divididos por igual. Canudos tem como uma das consequências para

seu surgimento as arbitrariedades dos líderes locais, as pessoas estavam cansadas com os desmandos e criavam mecanismos de defesa.

RESISTÊNCIA SERTANEJA

As pessoas saíam rumo ao vilarejo conselheirista com o objetivo de se desvencilhar do subjugo dos coronéis sendo um dos meios de sobrevivência e resistência. Mesmo em um ambiente inóspito, as pessoas mais pobres sabiam que deviam manter relações com outros indivíduos, sendo elas verticais ou horizontais. Essas advinham dos laços criados nas feiras livres citadas anteriormente. Agora abordaremos algumas relações verticais, analisando assim os mecanismos dos nordestinos em lutarem por melhores condições de vida.

Com o intuito de amenizar os pesares diários, as pessoas mais pobres recorriam ao apadrinhamento dos filhos por um fazendeiro da região, o que caracterizava uma relação vertical, mesmo que para isso o trabalhador tenha que se sujeitar ao desmando. Contudo, vemos uma diferença aqui: uma coisa é você ser oprimido sem ter consciência disso, situação bastante recorrente, outra totalmente diferente é você dar a entender que é fiel a um homem de posses para tirar proveito da situação, o que também acontecia.

Conforme Dantas (2007, p. 369-371), as relações verticais são compreensíveis e perfeitamente cabíveis quando entendemos a conjuntura política do semiárido baiano do século XIX, por exemplo, a polícia, a justiça, as instituições governamentais em geral estavam subordinadas aos grandes fazendeiros, já que muitos dos cargos eram nomeados pelos políticos locais. Então se um camponês está insatisfeito com um coronel pode recorrer ao domínio de um coronel rival, obviamente, esse lhe dará todo o seu apoio, visto que estará minando a força de um político rival. Portanto, nesse ponto é perceptível uma tática muito utilizada por vários trabalhadores que percorriam os sertões, pode ser que os camponeses realmente não percebessem toda a complexidade política, porém compreendiam muito bem seu cotidiano e dificuldades enfrentadas.

A passagem de beatos por várias vilas estimulava o deslocamento das populações, que os seguiam, auxiliando nas construções de igrejas, capelas, cemitérios e etc.; dessa maneira, transitavam por vastas áreas encontrando-se com milhares de outras pessoas. Exemplo desse deslocamento foi Antônio Conselheiro e seu séquito mencionado anteriormente. Essa ajuda mútua tornou-se mais essencial com o crescente domínio sobre as terras produtivas pela minoria abastada, isso é, as pessoas que não

tinham um pedacinho de terra, uma casa própria ou bens que os ligassem a determinada propriedade não teriam muita dificuldade para largar tudo.

Desconsiderar os mecanismos encontrados pelos nordestinos para melhorarem suas vidas é o mesmo que dizer que somente a elite estava apta a reger as regras de convivência, excluindo e animalizando o sertanejo à mera ferramenta de trabalho braçal. Essa animalização abria precedentes para sua exploração além de nos deixar uma herança funesta de preconceito contra os nordestinos. Aliás, era assim que muitos latifundiários baianos pensavam, ao criarem o jogo político, eles desconsideravam as aflições da maioria da população, criando a ideia de que o sertanejo nunca se libertaria de sua situação desvantajosa.

Essa questão do preconceito se consolidou com o passar dos anos muito pelo formato de se escrever a própria história de Canudos, uma vez que a comunidade foi totalmente destruída, fazendo com que poucas pessoas que viveram no povoado pudessem dar sua versão dos fatos, é tanto que as fontes aqui utilizadas são todas escritas por senhores de terras que combatiam o vilarejo, as mesmas são riquíssimas em muitos detalhes, porém sempre se tomou o cuidado de não simplesmente reproduzi-las, mas contextualiza-las. Buscou-se uma mudança de perspectiva de não se ver a história simplesmente pelo olhar do vencedor.

Sendo assim, as estratégias que os sertanejos utilizavam com o intuito de ter pequenas vantagens, tais como um pequeno pedaço de terra onde poderiam cultivar alimentos, criar animais de pequeno porte, devem ser consideradas, porquanto é evidente que, ao sair de um local, não iriam a outro que não lhes dessem melhores condições de vida. Esse pensamento não descaracteriza o sistema coronelista, porém mostra que as pessoas pensavam em maneiras de se desprender do mandonismo local. Lógico que nem todos usavam essa saída, mas também não podemos generalizar que todos estavam alienados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A peregrinação de Conselheiro por múltiplos municípios fez com que tomasse contato com a realidade dos sertanejos com suas vidas incertas devido à intolerância dos coronéis latifundiários, o beato se deu conta que muita coisa estava errada e que a população tinha como modificá-la (MONIZ, 1978, p. 23). Sendo assim, a obra mais significativa dos conselheiristas foi a edificação de uma sociedade igualitária, o povo do

sertão se uniu contra a miséria, a fome e a opressão que sofria de todos os lados. Do ponto de vista sertanejo, Canudos parecia ser uma utopia, possível, no entanto, de ser implantada, para a classe dominante, o movimento social que se alastrava pelo semiárido baiano era um plano irrealizável e um devaneio perigoso aos seus interesses.

Por isso, seu crescimento era espantoso, tornando-se rapidamente em um dos lugares com maior população da Bahia. Em um único dia, as casas de taipa se multiplicavam às dezenas. A educação, que somente era disponibilizada às pessoas de posses, em Belo Monte era disponível a todas as crianças que deveriam aprender a ler e escrever. As notícias da nova localidade desvinculada das autoridades civis e políticas proliferavam pelo sertão como fogo na vegetação seca da caatinga, a esperança longínqua de uma vida menos sofrida tornava-se palpável, o futuro esperançoso transformava-se em um presente real (MONIZ, 1978, p. 41-43).

Ou seja, ao desempenhar esse sistema de produção igualitária, a sociedade canudense dispensou todo e qualquer tipo de exploração do trabalho alheio. Ademais, forneceu a todos os seus habitantes o meio de produção: a terra. Segundo Moniz (1978, p. 162-180), ao edificar as bases de um ideário sem propriedade privada, Antônio Conselheiro e seus adeptos sabiam que cedo ou tarde seriam confrontados pelas autoridades locais, porquanto da escolha da região para construir seu vilarejo rodeado de encostas que serviam de obstáculos naturais, no meio da caatinga onde os caminhos que levavam a localidade eram todos acidentados, arenosos e estéreis com profundas depressões, cheios de espinhos das macambiras, agravado pela escassez de fontes d'água.

Assim toda a extensão territorial que os circundavam servia de proteção permanente, os moradores da povoação conheciam o ambiente e tiravam proveito do mesmo, usando de técnicas para sobreviverem ao clima hostil da região. Suas roupas, sandálias, chapéus já eram adaptados à vegetação nativa. Embora o povoado estivesse estrategicamente escondido entre um complexo de morros, possuía uma rede de caminhos que o ligava a diversas regiões da Bahia. O vilarejo era uma espécie de entroncamento por onde passavam estradas de Jeremoabo, Uauá, Cambaio, Rosário, Chorrochó e Curral dos Bois, contando assim com permanente circulação de mascates que o abastecia (ATAÍDE, 1995, p. 68).

De repente, a classe dominante viu emergir da cultura sertaneja um movimento social que tomava as rédeas de seu processo histórico, subvertendo a ordem oligárquica baiana, ameaçando desagregar as relações de produção no interior do Estado. Esse fato

colocou em risco o *status quo*, desencadeando o processo repressivo que resultou no fim da utopia conselheirista (ATAÍDE, 1995, p. 4). O sertanejo calejado dos castigos da seca, dos maus tratos dos poderosos queria sim um lugar para se refugiar, para viver em paz, trabalhando para seu sustento e de seus filhos. Antônio Vicente Mendes Maciel apareceu com ideias, que eram compartilhadas por seus conterrâneos nordestinos, sua influência foi grande no desenrolar dos fatos.

Não obstante as populações dos grandes centros desconheciam Canudos e sua luta. Na Rua São José, esquina do Largo da Carioca, Rio de Janeiro, uma mulher anônima chegou a uma banca de jornal e pediu o periódico que falava do homem que lutava lá fora; a mesma, possivelmente, ouviu boatos do tal Messias. O homem que “lutava lá fora” era Antônio Conselheiro, contudo a problemática que surge é: fora de quê? Provavelmente fora do círculo de convivência dela que morava na Capital Federal, provavelmente fora da “civilização”, à margem da sociedade, ou seja, lá fora no sertão esquecido (Gazeta de Notícias, 1897, p. 1).

Para alguns, Conselheiro entrou para a história como um falso pregador e louco, que tentou derrubar a República. Para outros, tronou-se uma figura benevolente, que quis dar aos sertanejos melhores condições de vida, algo que o Estado não proporcionava. De acordo com Moniz (1978, p. 212-220), tanto o líder religioso de Belo Monte quanto seus seguidores estavam dispostos a lutarem pela autonomia do povoado, pela preservação de suas terras e de seus bens. Para eles, o arraial não era uma utopia ideal, longe disso, mas era uma utopia realizável.

REFERÊNCIAS

PROCLAMAÇÃO DO GOVERNO PROVISÓRIO. *A Federação*, Porto Alegre, 18 de nov. de 1889. nº 263. Disponível: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pasta=ano%20188&pesq=&pagfis=5079> . Acesso em: 07 mar. 2021.

Annaes da Camara dos Senhores Deputados do Estado Federativo da Bahia sessões do anno de 1894, volume II, 13 – Praça do Commercio – 13, 33ª Sessão Ordinária, 19 de maio de 1894. Disponível: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=236586&pasta=ano%20189&pe sq=> . Acesso em: 11 fev. 2021.

ATAÍDE, Y. D. B. de. Centenário de Bello Monte (Canudos, 1893-1897). *Revista FAEBA*, nº esp. (Canudos), 2ª ed., p. 3-4, jan./jun. 1995. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/27538197/ediaao-especial-uneb> . Acesso em: 27 jun. 2021.

_____. Império do Bello Monte: Alguns aspectos da sua vida cotidiana (Canudos 1893- 1897). *Revista FAEBA*, nº esp. (Canudos), 2ª ed., p. 63-81, jan./jun. 1995. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/27538197/ediaao-especial-uneb> . Acesso em: 27 jun. 2021.

DANTAS, Mônica Duarte. *Fronteiras movediças: relações sociais na Bahia do século XIX: a comarca de Itapicuru e a formação do arraial de Canudos*. São Paulo: Fapesp, 2007.

_____. O “Sertão do Conselheiro”: Dinâmica social e transformações econômicas na comarca de Itapicuru (Século XIX) In: NEVES, E. F. (Org.). *Os Sertões da Bahia*. Salvador: Ed. Arcádia. 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/21730858/O_sert%C3%A3o_do_Conselheiro_din%C3%A2mica_social_e_transforma%C3%A7%C3%B5es_econ%C3%B4micas_na_comarca_de_Itapicuru_s%C3%A9culo_XIX_The_Conselheiro_s_backland_social_dynamics_and_economical_tranformations_in_19th_Century_Bahia . Acesso em: 21 jun. 2021.

A SEMANA. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 14 de fev. de 1897. nº 45. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_03&pasta=ano%20189&pesq=&pagfis=15763 . Acesso em: 14 mar. 2021.

Guerra de Canudos. [Filme-vídeo]. Produção de José Wilker e Mariza Leão, direção de Sérgio Rezende. Rio de Janeiro, Morena Filmes, 1997. 1 DVD/ROM (169 min). Color. Son. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P4OYhj7Io0E> . Acesso em: 24 jun. 2021.

MAIOR, Armando Souto. *Quebra-quilos: lutas sociais no outono do Império*. São Paulo: Nacional, 1978. Disponível em: <http://brasilianadigital.com.br/obras/quebra-quilos-lutas-sociais-no-outono-do-imperio> . Acesso em: 21 jun. 2021.

MEDRADO, Joana. “*Terra, laço e moirão*”: *relações de trabalho e cultura política na pecuária (Geremoabo, 1880-1900)* 2008. 176 f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2008. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/279450/1/Medrado_Joana_M.pdf . Acesso em: 07 mar. 2021.

MELLO, Frederico Pernambucano de. *A guerra total de Canudos*. São Paulo: A Girafa Editora, 2007.

MILTON, Aristides Augusto. *A Campanha de Canudos*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/1070> . Acesso em: 22 jun. 2021.

MONIZ, Edmundo. *A Guerra Social de Canudos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A. 1978.